

10 Teorias do Desenvolvimento da Personalidade

Observei duas crianças brincando no recreio por quase uma hora. Michael movimentava-se quase o tempo todo. Ele brincava um pouco num grupo e depois – quase incansavelmente – ia para outro grupo de crianças. Mas quando ele estava num grupo, parecia assumir o papel dominante. Se queria chutar bola, seu desejo definia a brincadeira. Ele tinha voz clara e alta e não hesitava em usá-la! A maior parte do tempo brincava com outros meninos, embora ocasionalmente uma menina fizesse parte do grupo.

Havia muitas professoras no pátio mas Michael não se aproximava nem conversava com elas. Sua atenção estava voltada para as outras crianças. Mas ele não era agressivo. Enquanto o observei, não bateu, ameaçou ou importunou outra criança.

Tomás também ficou no pátio durante todo o recreio, mas seu comportamento foi muito diferente. Quase todo o tempo esteve sozinho ou com outro menino, que parecia ser um amigo especial. Eles ficaram brincando num canto do pátio quase meia hora, construindo um tipo de castelo na areia. Nenhum dos dois parecia ser o líder do par e eles não falavam muito um com o outro. Faziam companhia um ao outro. Muitas das professoras falavam com Tomás e seu amigo; e num determinado momento Tomás apontou sua construção à professora mais próxima, com evidente orgulho.

O que eu quero enfatizar na observação destes dois meninos são os aspectos de suas personalidades – aqueles padrões de reação e interação com os outros e com o ambiente, individuais e relativamente estáveis que nos distinguem uns dos outros. Michael parecia ser ativo, falador, dominante, mas não agressivo. Em contraste, Tomás era quieto, menos dominante e talvez um pouco mais atento aos adultos. Eu não pude perceber, nesta breve observação, se ele era normalmente assim tímido com as outras crianças, mas certamente era menos afiliativo que Michael.

Como essas crianças desenvolveram esses diferentes padrões de relacionamento com os outros? Qual é o grau de consistência desses padrões de uma situação para outra? Esses meninos foram diferentes desde seus primeiros meses de vida? Esses estilos diferentes de interação lhes foram “ensinados”? Eles continuarão sendo assim diferentes daqui a 10 ou 20 anos?

Na verdade, aqui há dois conjuntos distintos de questões. Primeiro, o que sabemos sobre a origem desses padrões de comportamentos individuais, únicos e consistentes que nós chamamos de personalidade? O que os vários teóricos têm dito a respeito da origem dessas diferenças?

Segundo, há estágios de desenvolvimento ou etapas pelas quais passamos em nossas interações com os outros? Você provavelmente pode conhecer alguns adultos que são muito dependentes dos outros. Você pode achar que esse é um aspecto de sua personalidade. Mas *todos* nós éramos dependentes quando bebês. Tornamo-nos mais independentes à medida que crescemos. Portanto, deve haver tanto algumas características que perduram, quanto padrões desenvolvimentais que são compartilhados por todas as crianças.

Não é sempre possível separar essas duas perguntas quando falamos sobre personalidade e desenvolvimento social. Mas tentarei abordar o problema discutindo, neste capítulo, as principais teorias de desenvolvimento da personalidade e, no próximo, as seqüências básicas de desenvolvimento das relações sociais. Inevitavelmente, às vezes terei que retomar um assunto, pois diversas das teorias do desenvolvimento da personalidade apresentam estágios de desenvolvimento e o exame dos padrões de desenvolvimento social leva-nos à explicitação de teorias. Mas o centro de atenção neste capítulo será sobre as teorias de personalidade, em si.

As Perguntas O Que e Por Que Ao falar sobre as teorias eu inverterei a minha ordem usual: tratei a pergunta *por que* antes de *o que*. Geralmente eu diria que isso significa colocar o carro na frente dos bois mas, neste caso, é necessário. Diferentemente da área do desenvolvimento cognitivo, na qual há uma perspectiva teórica dominante, no estudo da personalidade e desenvolvimento social há muitas teorias competindo. E, o que é mais importante, boa parte das pesquisas realizadas foi guiada claramente por uma ou outra orientação teórica. Por exemplo, muitas das novas pesquisas sobre ligação afetiva em bebês foram orientadas pela teoria etológica de Bowlby (1969). É quase impossível descrever os resultados básicos sem descrever primeiro a teoria. Devido a essas ligações entre as perguntas o que e por que nesta área, parece-me razoável começar apresentando-lhe as alternativas teóricas. Eu me voltarei para o lado mais fático nos Capítulos 11 e 12.

PRINCIPAIS TIPOS DE TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE

Aqui se apresentam três das principais abordagens teóricas que eu descrevi no Capítulo 1: a abordagem psicanalítica, a abordagem da aprendizagem e diversas variações da abordagem biológica. Neste caso, a única abordagem deixada de lado é a cognitivo-desenvolvimental. A maioria dos teóricos com uma inclinação cognitivo-desenvolvimental tem se dedicado mais ao desenvolvimento intelectual do que às interações sociais, por isso ainda não há uma teoria cognitivo-desenvolvimental abrangente a respeito da personalidade. Mas os elementos cognitivos têm se infiltrado nas outras abordagens teóricas – mais notavelmente na teoria de aprendizagem social de Bandura (1977). Eu espero que na próxima década possa haver maior síntese entre a teoria cognitivista e as teorias da personalidade. No entanto, por ora, temos apenas três categorias gerais de teorias a explorar.

ABORDAGEM DA APRENDIZAGEM SOCIAL À PERSONALIDADE

O conceito fundamental nas teorias da aprendizagem social à personalidade é que nós nos comportamos da forma como o fazemos porque somos reforçados por exibir certos padrões de comportamento. De fato, muitos teóricos da aprendizagem nem usam a palavra “personalidade”. Eles não percebem a criança como tendo uma personalidade agressiva – apenas comportamentos agressivos. A ênfase é sobre o impacto do ambiente na criança. Albert Bandura, que desenvolveu talvez a teoria da aprendizagem social mais sistemática, coloca assim sua proposição básica:

Exceto no que se refere aos reflexos elementares, as pessoas não são equipadas com repertórios inatos de comportamento. Elas precisam aprendê-los. Os novos padrões de resposta podem ser adquiridos através da experiência direta ou pela observação.

(Bandura, 1977, p. 16)

Bandura não está rejeitando o aspecto biológico. Ele chega a dizer que os fatores biológicos como os hormônios ou as propensões herdadas podem afetar o comportamento. Mas coloca-se claramente ao lado do ambiente como a “causa” principal do comportamento que nós observamos.

Esta não é uma idéia nova. A questão aqui é como aplicar esta teoria especificamente a características de “personalidade” como dependência, afeto, agressividade e timidez. Por isso, deixe-me recolocar as proposições básicas da teoria e então ver como podemos aplicá-la ao comportamento social ou a características de “personalidade” mais duradouras.

Proposição 1 *O comportamento é “fortalecido” pelo reforçamento.* Se a regra aplica-se a todo comportamento, então pode ser aplicada à ligação afetiva, timidez ou competitividade. Nós devemos esperar que a criança reforçada por ser agarrada aos pais mostrará esse comportamento com maior freqüência do que as crianças que não são reforçadas por isso. A professora de maternal que só dá atenção às crianças quando elas fazem bagunça ou são agressivas descobrirá que depois de semanas ou meses as crianças mostram-se acentuadamente mais bagunceiras e agressivas.

De fato, é isso que parece acontecer. Por exemplo, quando os experimentadores reforçaram sistematicamente algumas crianças por baterem no nariz de um boneco inflável (um João-Bobo) e depois observaram as crianças numa situação de jogo, as que foram reforçadas batiam, chutavam e derrubavam mais do que as crianças que não haviam sido reforçadas quando batiam no João-Bobo (Walters & Brown, 1963).

Proposição 2 *O comportamento que é reforçado num “esquema de reforçamento parcial” será ainda mais forte e resistente à extinção do que o comportamento que é reforçado constantemente.* Abordei esse fenômeno no Capítulo 1 e já lhe apresentei alguns exemplos de aplicação dos princípios de reforçamento parcial (veja o Quadro 1.1). Os pais quase sempre são “inconsistentes” nas suas recompensas para a criança; por isso, a maioria das crianças está sob um esquema de reforçamento parcial de algum tipo. Bandura e outros têm argumentado que podemos entender por que algumas crianças tornam-se mais agressivas ou mais tímidas, e outras menos, observando o tipo de padrão de recompensa usado em seus lares.

Estes dois primeiros princípios têm sido usados com sucesso na terapia com famílias de crianças com comportamentos desviantes como birra, rebeldia, ou agressividade extrema, conforme escrevi no Quadro 10.1.

Proposição 3 *As crianças aprendem comportamentos novos em grande parte através da observação e imitação.* Bandura argumenta que boa parte dos comportamentos sociais, da

Quadro 10.1 Usando os Princípios da Aprendizagem Social para Modificar "Problemas de Comportamento" em Crianças

Muitos tipos de terapia têm sido usados, com sucesso, para modificar comportamentos indesejáveis em crianças. Uma das estratégias amplamente usadas é a aplicação sistemática dos princípios de reforçamento, frequentemente descritos como terapia comportamental. Gerald Patterson (1975) descreve de modo particularmente fascinante a terapia comportamental com crianças que mostram graves problemas de comportamento. Um estudo de caso poderá lhe dar uma idéia dessa abordagem.

Eric tinha dez anos de idade e era um monstro experimentado. Ele não só batia em sua irmã menor mas também havia se afastado totalmente das crianças de sua vizinhança. Era tão mandão que as outras crianças evitavam brincar com ele. Era capaz de provocar discórdia e atacar todo mundo. Em casa, fazia comentários depreciativos sobre sua mãe e sua irmã. Era grande e agressivo o suficiente para sua mãe sentir que não podia lidar com ele...

Eric era tão habilidoso em não colaborar que sua mãe e seu pai não lhe pediam para que fizesse qualquer coisa. Como no caso da maioria dos meninos agressivos, ambos os pais tinham sido treinados a acreditar que Eric não pensava ao tomar tais atitudes.

(Patterson, 1975, p. 130)

Tendo chegado a essa horrível situação, o que os pais de Eric podiam fazer? A prescrição de Patterson consiste em vários passos.

1. Escolher apenas um problema específico para trabalhar de cada vez, preferivelmente começando com um dos menos horríveis. Neste caso, os pais de Eric começaram com sua não colaboração.
2. Observar e fazer registros. Os pais de Eric definiram o que significa uma "não colaboração"

e então passaram a registrar cada vez que isso ocorria. No início do "tratamento" a "não colaboração" de Eric aparecia aproximadamente uma vez a cada dez minutos.

3. Descrever seus registros à criança e explicar-lhe com precisão o que você espera dela e o que ela receberá como recompensa se mudar seu comportamento. Eric recebeu a explicação de que receberia um "ponto" que poderia trocar por coisas que quisesse, cada vez que fizesse o que lhe fosse pedido. Durante esse passo, os pais não faziam nada caso a criança não colaborasse.
4. Introduzir um tipo de punição, denominada *time out* toda vez que a criança não fizesse o que fosse pedido, depois do programa de pontos ter se fixado. O *time out* consistia na retirada da criança da sala por um período de tempo especificado. No caso de Eric, ele tinha que ficar sozinho no banheiro, por cinco minutos.
5. Alterar o programa de pontos quando necessário, acrescentando outros possíveis incentivos ou outras metas de comportamento. Por exemplo, com 50 pontos, Eric poderia acompanhar seu pai numa pescaria.

As crianças expostas a programas como esse frequentemente ficam piores antes de começarem a melhorar e pode ser necessário uma terrível força de vontade dos pais para manter o novo sistema. Os pais, com frequência, precisam de ajuda de um terapeuta (como Patterson) para manter a consistência de resposta com os filhos. Mas, muitos tipos de problemas de comportamento que podem ser razão para o desespero dos pais têm sido modificados dessa forma.

Figura 10.1 Estas crianças estão claramente mostrando um comportamento agressivo e uma postura aprendidos através da observação, provavelmente da televisão. O fato de a "vítima" não ser realmente morta não significa que as crianças não tenham aprendido o conjunto global de respostas.



esses comportamentos. Sua exposição continuada a todos esses modelos fará com que se torne muito difícil para seus pais reforçar comportamentos mais construtivos. Os adolescentes ficam frequentemente furiosos quando seus pais se preocupam com a "turma" com que eles andam. Mas do ponto de vista de Bandura, essa preocupação dos pais é justificada, pois a criança está aprendendo pela observação.

Outro aspecto interessante — e bastante prático — desse processo de modelagem é que quando há conflito entre o que um modelo faz e o que ele diz, o que será provavelmente imitado é o *comportamento*. Num estudo, Joan Grusec e seus colaboradores (Grusec, Saas-Kortsak & Simutis, 1978) descobriram que dizer às crianças para serem generosas funciona muito pouco, mas demonstrar generosidade leva-as também a serem generosas. Portanto, o velho adágio "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço" parece não funcionar.

Estas três proposições básicas descrevem as "regras" fundamentais de aprendizagem de qualquer comportamento, inclusive os comportamentos que nós pensamos como "personalidade". De acordo com essa teoria, as crianças são afiliativas, tímidas, agressivas, afetuosas, generosas ou mesquinhas porque são reforçadas por se comportarem dessa forma.

Recentemente, Bandura (1977) também acrescentou um aspecto "desenvolvimental" a sua teoria. Ele reconheceu que o que uma criança aprende e desempenha a partir da observação de um modelo mudará com a idade. O que a criança presta atenção, compreende, ou lembra sobre o que o modelo fez será afetado pelo seu nível de desenvolvimento cognitivo geral.

Eu considero essa combinação das abordagens da aprendizagem e cognitivo-desenvolvimental interessante e encorajadora. Ela leva a teoria da aprendizagem em direção ao reconhecimento de que a maneira como uma criança usa a informação que possui é tão importante quanto o que o ambiente faz à criança. Isto torna todo o processo de reforçamento e imitação muito menos automático.

competitividade à simpatia, é aprendida observando os outros no desempenho de tais ações. A criança que vê seus pais dando um donativo para os voluntários da Sociedade de Combate ao Câncer ou leva uma refeição à vizinha que acaba de perder o marido aprenderá a ser generosa e a pensar nos outros. A criança que vê seus pais brigando ou se batendo quando estão com raiva provavelmente aprenderá formas violentas de resolver seus problemas.

As crianças também aprendem com a TV, com seus amiguinhos, seus professores e com seus irmãos e irmãs. Um menino que cresce num cortiço e que observa seus companheiros e meninos mais velhos vagueando pelas ruas, fazendo pequenos furtos em lojas, irá aprender todos

Figura 10.2 Esta criança, que ajuda simpaticamente sua professora na escola maternal, pode ser razão para o desespero de sua mãe em casa. Bandura espera exatamente esse tipo de inconsistência em toda casa em que os padrões de reforçamento são muito diferentes nos dois locais.



Pontos Fortes, Fracos e Implicações da Teoria da Aprendizagem Social

Devemos enfatizar várias implicações desta abordagem teórica. Em primeiro lugar, você deve ter sentido que a maioria dos teóricos da aprendizagem realmente não querem falar sobre traços de personalidade. O comportamento de uma criança é consistente de uma situação para outra não porque ela tenha um "traço" de timidez ou agressividade, mas porque os padrões de reforçamento são os mesmos nas diversas situações. Se os padrões de reforçamento forem diferentes, a criança também se mostrará diferente. Isso pode justificar uma criança que é negativista em casa, mas muito colaboradora na escola ou a criança que nunca "ouve" sua mãe, mas que faz tudo o que o pai lhe pede. Tanto a consistência quanto a inconsistência do comportamento podem ser explicadas por essa abordagem.

Uma implicação paralela é que essa perspectiva do comportamento é muito útil. As mudanças são possíveis; assim sendo, os "problemas de comportamento" podem ser modificados, como eu descrevi no Quadro 10.1.

O ponto mais positivo desta visão do comportamento social, em minha opinião, é que nos propicia uma visão clara de como muitos comportamentos são aprendidos. É perfeitamente evidente que as crianças aprendem através da imitação; e é igualmente claro que as crianças (e adultos) continuarão a realizar os comportamentos que fazem com que "ganhem a atenção" dos outros. A junção de elementos cognitivos na teoria de Bandura parece-me oferecer a possibilidade de criar, eventualmente, uma teoria de aprendizagem social genuinamente *desenvolvimental*. As desvantagens desta perspectiva, para mim, é que ela ainda coloca mais ênfase no que *acontece* à criança e considera muito pouco o que a criança *faz* com as informações que tem. Apesar disso, não há dúvida de que esta tem sido a perspectiva da "personalidade" mais dominante entre os psicólogos americanos nos últimos 30 anos ou mais.

TEORIAS BIOLÓGICAS DA PERSONALIDADE E INTERAÇÃO SOCIAL

As teorias biológicas, em contraste, influenciaram pouco, ou quase nada, os psicólogos do desenvolvimento até recentemente, quando ressurgiu um interesse sobre o temperamento e sobre os padrões de comportamento social de base biológica.

Teorias de Temperamento

Eu já falei de diferenças de temperamento entre bebês no Capítulo 3, por isso não preciso entrar em muitos detalhes agora. Mas quero apresentar uma abordagem mais completa das proposições básicas.

Proposição 1 *Cada indivíduo nasce com padrões característicos de resposta ao ambiente e a outras pessoas.* Alexander Thomas e Stella Chess (1977) enfatizaram qualidades como taxa de atividade, ritmo, adaptabilidade a novas experiências, intensidade de respostas, humor geral e persistência como sendo propriedades básicas do temperamento de bebês e crianças pequenas. A combinação dessas propriedades cria as diferenças de temperamento das crianças "fáceis", "difíceis" e "de aquecimento lento" descritas por Thomas e Chess.

Tabela 10.1 Quatro Dimensões de Temperamento Propostas por Buss e Plomin

Dimensão de temperamento	Descrição
Ativo <i>versus</i> letárgico	A pessoa ativa está geralmente ocupada e com pressa, com ações vigorosas
Emotivo <i>versus</i> impassivo	Envolve a intensidade de reação; a pessoa emotiva é facilmente excitável e responde mais intensamente
Afiliativa <i>versus</i> desligado	A pessoa afiliativa é mais "gregária", deseja ficar mais com os outros e é mais responsiva às pessoas. As pessoas são fortes reforçadores pelo gregarismo
Impulsivo <i>versus</i> deliberado	A pessoa impulsiva responde rapidamente ao invés de inibir a resposta. (Note a semelhança entre essa dimensão com o estilo perceptivo impulsivo <i>versus</i> reflexivo descrito no Capítulo 5.) A pessoa impulsiva é mais inclinada a dar uma resposta rapidamente, ao invés de planejar

Fonte: Adaptado de Buss e Plomin, 1975, p. 8.

Uma outra formulação de temperamento básico foi oferecida por Arnold Buss e Robert Plomin (1975), sugerindo que há quatro dimensões temperamentais básicas, listadas na Tabela 10.1. Buss e Plomin argumentam que essas qualidades temperamentais são herdadas, com o que Thomas e Chess concordariam. Em princípio, as diferenças temperamentais também podem ser provenientes de variações no ambiente pré-natal, mas todos os teóricos que falam de temperamento que eu conheço assumem uma base genética.

Proposição 2 *Estas características de temperamento afetam o modo como o indivíduo responde às pessoas e coisas ao seu redor.* Por exemplo, uma pessoa afiliativa tenderá a buscar contato com os outros; uma pessoa desligada não.

Proposição 3 *O temperamento do indivíduo também afeta o modo como os outros respondem a ele.* O temperamento afeta o ambiente tanto quanto o contrário. A criança afiliativa, que sorri mais, pode assim "moldar" o comportamento dos pais em relação a ela. Os pais podem sorrir, pegá-la no colo e falar mais com ela simplesmente porque ela reforça seus comportamentos com seu temperamento mais positivo.

Obviamente, os teóricos que enfatizam o temperamento não discordam dos princípios do reforçamento. O que eles acrescentam são padrões provavelmente herdados com os quais a criança vem ao mundo. Essas características temperamentais operam, então, como um tipo de "filtro" pelo qual o ambiente tem que passar.

Pontos Fortes, Fracos e Implicações Uma das principais implicações da perspectiva do temperamento sobre a personalidade é que se espera uma consistência entre situações. Uma criança deve ser ativa em casa e na escola, ou afiliativa em casa e na escola, ao invés de mostrar diferentes padrões de comportamento em ambientes diferentes. Além disso, como os padrões são considerados herdados, devem ser de difícil modificação. Os teóricos que assumem uma perspectiva de temperamento são, portanto, menos otimistas sobre a possibilidade de se conseguir mudanças básicas de comportamento através de terapia comportamental ou outras intervenções.

A principal força dessa teoria é, para mim, o fato de que focaliza nossa atenção nas qualidades que a criança traz a cada interação. O fato de qualidades temperamentais serem ou não herdadas é uma questão empírica ainda não solucionada satisfatoriamente. Mas é claro que os bebês e crianças são diferentes nas suas respostas típicas. Parece-me mais importante considerar essas diferenças do que supor que todas as crianças comecem iguais.

O ponto fraco das teorias de temperamento é que, pelo menos até agora, faltam muitas informações. Tanto Thomas e Chess quanto Buss e Plomin oferecem evidências da consistência de qualidades temperamentais até depois da meninice. Mas nós precisamos de mais pesquisas. O quão dominantes são estas qualidades temperamentais básicas? As crianças cujo temperamento básico é diferente respondem diversamente aos reforçamentos? Elas prestam atenção a diferentes aspectos de um modelo? (Em caso afirmativo, quais as implicações para a teoria da aprendizagem social?) As qualidades temperamentais persistem depois da meninice e durante a idade adulta? Podem ser modificadas? Até que algumas dessas perguntas possam ser respondidas as teorias de temperamento não estão completas.

Teoria Etológica

Uma abordagem bastante diferente da influência dos padrões inatos é a perspectiva etológica. Essa abordagem do comportamento tem sua origem nos estudos com pássaros, abelhas, peixes

e outros animais efetuados por naturalistas como Konrad Lorenz (1966), Ekhart Hess (1972) e von Frisch (1974). Esses notáveis observadores perceberam que em todas as espécies animais parece haver seqüências de comportamentos instintivos bastante específicos, como os rituais de acasalamento ou a "dança" feita pelas abelhas para informar suas companheiras de colméia a localização de flores boas. Todos os membros de uma espécie particular mostram esses mesmos comportamentos, aparentemente sem qualquer aprendizagem. Tudo o que é necessário é que o padrão instintivo seja despertado pela pista certa. Um pássaro macho atacará um pássaro macho de outra espécie que entre em seu território. O ataque é aparentemente eliciado pelo sinal da forma ou marcas particulares do invasor ou pelos sons específicos que ele emite. O atacante mostrará esse padrão agressivo mesmo que nunca tenha visto outro pássaro de sua espécie atacando. Esse padrão instintivo também parece ser vital para a sobrevivência da espécie. Eles ajudam a proteger os indivíduos do ataque, a produzir o acasalamento, a construção dos ninhos e cuidado da prole.

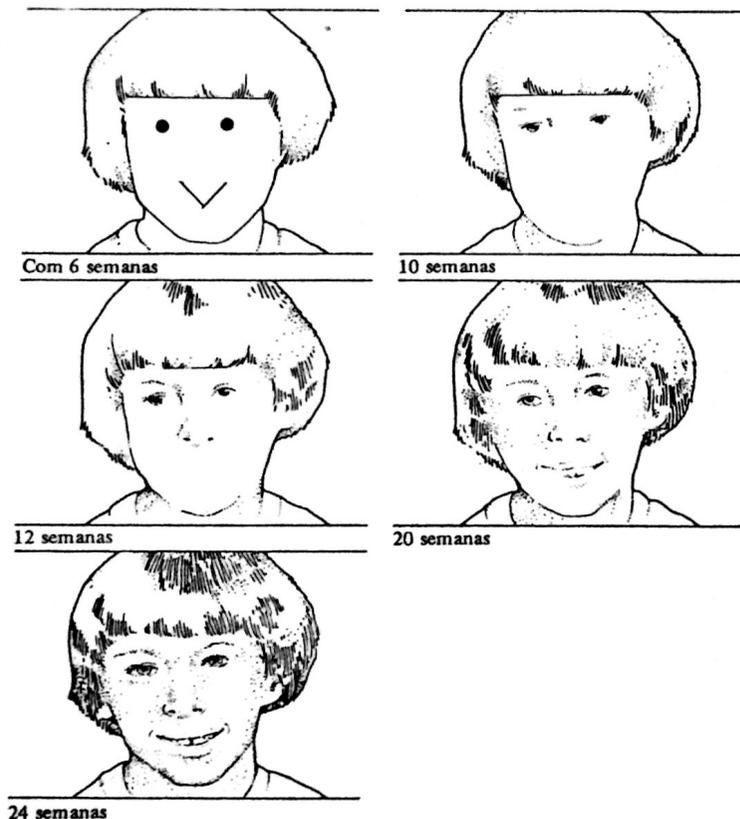
Mas o que todos esses trabalhos com outras espécies animais têm a ver com o desenvolvimento das crianças? Há padrões instintivos também nos humanos? Diversos psicólogos, mais notavelmente John Bowlby (1969), argumentam que sim. Bowlby, em particular, pensa que o desenvolvimento da ligação afetiva da criança com sua mãe (ou outra pessoa que cuide dela regularmente) é dominado por padrões instintivos.

Estritamente falando, essa não é uma teoria da "personalidade". Mas, dentro da psicologia do desenvolvimento, a abordagem etológica tem sido aplicada apenas a um conjunto restrito de comportamentos humanos. Além disso, a teoria etológica é uma teoria sobre as *similaridades* entre as pessoas e não sobre as diferenças. Falarei mais sobre a seqüência de desenvolvimento normal, que é a *mesma* para todas as crianças, do que sobre o modo como as crianças são diferentes. Mas, como o trabalho de Bowlby sobre a ligação afetiva tem sido uma perspectiva teórica dominante nos estudos sobre relacionamento inicial entre pais e filhos, quero introduzir as principais proposições aqui.

Proposição I *O bebê vem ao mundo equipado com um conjunto pré-programado de sinais e respostas aos outros.* Essas respostas compõem o que Bowlby denomina **comportamentos de ligação**. O bebê sinaliza a necessidade de ajuda ou contato chorando, agitando-se ou sorrindo. Ele mantém contato com quem cuida dele, abraçando, agarrando-se ou (quando um pouco maior) indo atrás dos pais. Bowlby considera que no começo, as ações do bebê são automaticamente deflagradas por vários sinais fixos como dor, separação ou ameaça. No entanto, à medida que se processa o desenvolvimento durante o primeiro ano de vida, o bebê passa a usar seu repertório de comportamentos de ligação menos automaticamente e mais intencionalmente.

Por exemplo, durante os primeiros meses de vida, os bebês sorriem bastante. Do ponto de vista de Bowlby, o mais interessante a respeito do sorriso do bebê pequeno é que ele parece ser provocado (*eliciado* para usar o termo dos etologistas) por estímulos bastante específicos. Em bebês muito pequenos (3-6 semanas de vida) o som da voz humana freqüentemente eliciará um sorriso (Wolff, 1963). Além disso, a partir de aproximadamente 6 semanas, alguns aspectos da face humana também parecem provocar um sorriso. Inicialmente, como demonstram as pesquisas de Rolf Ahren (1954), o eliciador são os olhos. Depois outros traços faciais deverão estar presentes para o bebê sorrir, como você pode ver na Figura 10.3. Mais tarde ainda, conforme o bebê discriminar mais prontamente uma face da outra, ele começa a sorrir mais para alguns rostos do que para outros. Portanto, o sorriso inicial parece ser uma resposta programada a determinadas pistas; depois, o sorriso torna-se menos automático, mais dirigido. É exatamente este tipo de padrão que Bowlby enfatiza para todos os comportamentos de ligação.

Figura 10.3 Estes desenhos mostram os tipos de traços faciais que parecem ser suficientes para eliciar um sorriso do bebê dessas idades. Note que inicialmente, qualquer arranjo semelhante a um rosto com uma boca sorrindo e olhos levará ao sorriso. Depois só os olhos são suficientes e mais tarde são necessários todos os traços.



Proposição 2 *A manutenção do padrão instintivo depende das respostas das pessoas em torno do bebê. São necessários dois para dançar este tango e se um não responde ou se a resposta não está adequadamente relacionada com os sinais do bebê, o padrão instintivo não persistirá. Um bebê de 6 meses sorrirá mais para o rosto que lhe retribuir com um sorriso, para dar apenas um exemplo.*

Pontos Fortes, Fracos e Implicações O principal atrativo da abordagem etológica à ligação afetiva inicial é que ela nos oferece um ponto de partida para compreender as primeiras relações entre bebê e adulto. A riqueza e sutileza desses encontros estão sendo estudadas pelos pesquisadores que seguem a teoria geral de Bowlby.

Mas também há algumas dificuldades óbvias. Primeiro, esta não é realmente uma teoria de desenvolvimento. Como os padrões instintivos mudam durante os primeiros anos de vida? Há outros padrões instintivos nos bebês? Eles persistem durante a infância? Devemos esperar que as crianças mostrem um comportamento consistente em muitas situações? Em outras

espécies animais estudadas pelos etologistas a consistência é a palavra-chave; se o sinal adequado está presente, o animal responde de uma forma previsível. Mas isso é válido para os humanos depois das primeiras semanas de vida? As diferenças de temperamento podem alterar os padrões "instintivos?"

Até que essas e outras questões semelhantes sejam respondidas, nós não podemos considerar a abordagem etológica como uma teoria realmente consistente. Mas, tanto os etologistas quanto os teóricos do temperamento têm nos ajudado a focalizar a atenção nos aspectos *não aprendidos* significativos do comportamento. Esta não é uma realização pequena.

TEORIA PSICANALÍTICA

Há toda uma família de teorias chamadas "psicanalíticas", a começar com a de Freud e continuando com a de Alfred Adler (1948) e Erik Erikson (1963, 1964, 1974) para mencionar apenas alguns nomes. A palavra *psique*, em grego, refere-se a alma, espírito ou mente. Portanto, a psicanálise é a análise da mente ou do espírito. Todos os teóricos que compartilham dessa tradição têm se interessado em explicar o comportamento humano através da compreensão dos processos subjacentes ao psiquismo e à personalidade. E quase todos os teóricos psicanalistas têm começado com o estudo e análise de adultos ou crianças que têm algum tipo de perturbação. Eles acreditam que podem chegar à compreensão do processo normal, analisando como ele pôde sair errado.

De todos os teóricos desse grupo, somente Freud e Erikson abraçaram detalhadamente as questões *desenvolvimentais* sobre as origens da personalidade. Como as duas teorias têm algumas diferenças significativas, e diferentes impactos sobre a pesquisa, eu vou descrevê-las em separado.

TEORIA DE FREUD

Como eu já fiz antes, colocarei também os conceitos básicos da teoria de Freud sob a forma de um conjunto de proposições.

Proposição 1 *Todo comportamento é energizado por impulsos instintivos fundamentais. Freud considerava que havia três dessas forças motivacionais básicas: os impulsos sexuais, que ele denominou libido, os impulsos de preservação da vida ou instintos como a fome e a dor; e os impulsos agressivos. Dos três, ele considerava como mais interessante — e talvez mais importante — o impulso sexual.*

Proposição 2 *Durante a vida, a criança (e depois o adulto) está centrada na gratificação desses instintos básicos. A forma específica da gratificação e as estratégias usadas para obtê-la mudam com a idade, como você verá depois, mas a impulsão interna para obter gratificação permanece durante toda a vida.*

Proposição 3 *Durante a infância, cada um de nós desenvolve três estruturas de personalidade básicas que atuam na gratificação dos instintos. Estas três estruturas básicas foram chamadas por Freud de id, ego e superego e se desenvolvem na ordem em que foram mencionadas. O id é o reservatório da energia instintiva pura e sem inibição. Freud considerava que o id era tudo o que estava presente ao nascimento. O bebê busca a gratificação de suas necessidades de maneira bastante direta. Ele não é capaz de retardar a gratificação. Ele quer o que quer quando quer.*

Figura 10.4 Uma criança desta idade tenta conseguir o que quer de forma bastante direta – como a criança que toma da outra o brinquedo. Mas, dois ou três anos mais tarde, a mesma criança pode tentar conseguir o brinquedo indiretamente, pedindo para dividir, pedindo para o professor falar com a outra criança ou brincando juntos. Isso ilustra o desenvolvimento do ego, que opera segundo o que Freud denominou “princípio da realidade”, em oposição ao *id* que funciona pelo “princípio do prazer”.



O instinto básico que busca a gratificação permanece como uma parte da personalidade; mas, como a gratificação freqüentemente pode ser conseguida com mais sucesso através do planejamento, fala, espera e outras técnicas do que através da urgência do instante, a criança gradativamente transfere energia do *id* para o *ego*. Nos termos de Freud, o *ego* é a parte da personalidade que planeja, organiza e pensa. A criança ainda continua tentando conseguir o que quer, mas agora ela busca a gratificação de seus desejos, usando estratégias baseadas na realidade.

Finalmente, há o *superego*, que é parecido com o que nós denominamos de consciência. Esta é a parte da personalidade que “monitora” as demais, que decide o que é certo e errado. É a moralidade internalizada dos pais da criança e da sociedade na qual a criança vive.

Estas três partes da personalidade estão, em certo sentido, numa constante disputa entre si. O *id* diz “Eu quero agora!” O *ego* diz “Você pode tê-lo mais tarde” ou “Espere um pouco; nós o conseguiremos se fizermos desse jeito”. O *superego* diz “Você não pode ter isso, jamais. É errado”.

Proposição 4 Quando surgem conflitos entre as diferentes partes da personalidade, o resultado é a ansiedade. Você já deve ter sentido ansiedade, por isso eu acho que não preciso defini-la. Muitas vezes o *ego* consegue manipular a ansiedade diretamente. Se eu envio um artigo para uma revista técnica e ele é rejeitado, eu sinto ansiedade. Mas eu sei porque estou me sentindo ansiosa e posso enfrentar realisticamente a situação, examinando meu artigo objetivamente, buscando formas de melhorá-lo, fazendo novos estudos para tornar mais claro o ponto que eu estava tentando elucidar, ou fazendo algo equivalente.

No entanto, algumas vezes a ansiedade é grande demais para ser trabalhada dessa forma, por isso nós utilizamos um mecanismo de defesa – estratégias automáticas e inconscientes para reduzir a ansiedade. Eu posso reprimir os sentimentos provocados pela rejeição do artigo e insistir que realmente não me importo com isso. Eu posso racionalizar: “Eu realmente não estava querendo ler meu artigo publicado nessa revista, será bem melhor publicá-lo em outra”. Eu posso projetar:

“As pessoas que revisaram meu artigo para a revista são realmente umas estúpidas! Elas não sabem o que estão fazendo”. Dessa forma prescrevo a outras pessoas as qualidades que temo que possam ser verdadeiras em mim (estupidez, no caso). Eu posso deslocar minha ansiedade. Ao invés de lidar com meus sentimentos a respeito da rejeição do artigo, fico com raiva de meu colaborador a respeito de minúcias ou brigo com meu marido.

Há muitas formas de defesa contra a ansiedade. O aspecto-chave a entender a respeito dos mecanismos de defesa, como Freud os concebeu, é que eles são inconscientes, envolvem uma autodecepção e são bastante normais. Eles podem ficar muito extremados e nesse caso tornam-se mecanismos neuróticos. Mas Freud acreditava que a defesa contra a ansiedade é, em si, um processo natural.

Proposição 5 No curso do desenvolvimento, a criança passa por uma série de diferentes estágios psicosssexuais. Duas coisas evoluem em estágios. Em primeiro lugar, o *ego* e o *superego* não estão presentes no bebê, e precisam se desenvolver. Em segundo lugar, os objetivos de gratificação se modificam. Em cada estágio, a energia sexual se focaliza (é investida, como diz Freud) em uma determinada parte do corpo, que ele chamou de zona erógena como a boca, o ânus e os genitais. O bebê inicialmente concentra-se na estimulação bucal porque esta é a parte mais sensível de seu corpo. Depois, quando seu desenvolvimento neurológico é maior, outras partes tornam-se sensíveis e o foco da energia sexual muda.

Há um forte elemento maturacional nesta parte da teoria de Freud. Ele considerava que a transição de um estágio psicosssexual para o seguinte era basicamente determinada pelas mudanças na sensibilidade do corpo.

Os Estágios Psicosssexuais

Freud propôs cinco estágios de desenvolvimento que eu resumi, brevemente, na Tabela 10.2. Deixe-me apresentar também alguns detalhes de cada estágio.

O Estágio Oral: Do Nascimento a 1 Ano O primeiro contato do bebê com o mundo é através da boca e aí ele tem grande sensibilidade. Freud enfatizou que a região oral – a boca, língua e lábios – torna-se o centro de prazer para o bebê. Sua primeira ligação afetiva é com o que lhe proporciona prazer na boca, geralmente sua mãe.

Tabela 10.2 Os Estágios de Desenvolvimento Psicosssexual Segundo Freud

Idade	Estágio	Zona erógena	Principal tarefa de desenvolvimento
0-1	Oral	Boca	Desmame
2-3	Anal	Ânus	Treino de esfínteres
4-5	Falico	Genitais	Identificação com o pai do mesmo sexo
6-12	Latência	Sem área específica, energia sexual em dormência	Desenvolvimento dos mecanismos de defesa do ego
13-38 e idade adulta	Genital	Genitais	Maturidade sexual, intimidade

O Estágio Anal: 1-3 Anos Na medida em que prossegue o processo de maturação e a parte inferior do tronco torna-se mais desenvolvida, e mais sob controle voluntário, o bebê torna-se cada vez mais sensível na região anal e começa a conseguir prazer nos movimentos dos intestinos. Mais ou menos ao mesmo tempo, os pais começam a dar grande ênfase ao treino à toaleta e mostram prazer quando a criança consegue usar o lugar certo, na hora certa. Estas duas forças, em conjunto, ajudam a levar o centro de energia sexual da zona erógena oral para a anal.

De acordo com Freud, a criança passaria pela fase anal sem cicatrizes, caso seus pais lhe permitissem suficiente prazer e exploração anal. Mas se o treino à toaleta tornar-se um campo de batalha (como ocorre freqüentemente) ou ocorrer muito cedo, então a criança pode carregar as cicatrizes desse encontro com o meio, durante toda a vida.

O Estágio Fálico: 3-5 Anos Com aproximadamente 3 ou 4 anos de idade há outra mudança, da região anal para a zona erógena genital. Novamente há uma base maturacional para a mudança; só nesta época a criança começa a ter sensações de prazer com a estimulação da área genital. Um sinal deste aumento de prazer genital é que as crianças de ambos os sexos, muito naturalmente, começam a se masturbar nesta idade.

De acordo com Freud, o evento mais importante durante o estágio fálico é o denominado conflito edipiano. Ele descreve a seqüência de eventos mais completamente para os meninos do que para as meninas, e eu traçarei o padrão para você.

A teoria sugere que primeiro o menino toma-se "intuitivamente consciente de sua mãe como um objeto sexual" (Rappoport, 1972, p. 74). Como isso ocorre, precisamente, não é explicado por completo, mas o ponto importante é que o menino de aproximadamente 4 anos começa a ter um tipo de ligação sexual com sua mãe e considera seu pai como um rival. O pai dorme com sua mãe, abraça-a e beija-a e geralmente tem acesso ao corpo dela de um modo que ele não tem. O menino também vê seu pai como uma figura poderosa e ameaçadora, com poder de castrá-lo. O menino fica entre o desejo de possuir a mãe e o medo do poder de seu pai.

O resultado desse conflito é a ansiedade. Como o menino consegue lidar com essa ansiedade? Na visão de Freud, o menino responde com um processo denominado identificação. Tentando tornar-se tão parecido quanto possível com seu pai o menino pode sentir que ele também tem algum poder de seu pai. Freud fala do processo de identificação como sendo a "incorporação" das qualidades do pai. É este pai interno, com seus valores e julgamento moral, que forma parte do superego ou consciência da criança.

Supõe-se que ocorra um processo paralelo nas meninas, embora nem Freud, nem seus seguidores tenham sido capazes de explicar como ocorre. Supostamente, a menina vê sua mãe como uma rival sexual nas atenções de seu pai, mas o medo que ela sente de sua mãe é menor (talvez porque ela assume que já é castrada). Como resultado, considerando que a ansiedade da menina é mais fraca, sua identificação também é supostamente mais fraca.

A resolução bem-sucedida da crise edipiana, com a identificação com o pai adequado, é crítica para o desenvolvimento saudável. Qualquer condição familiar que tenda a alterar o processo de identificação pode criar problemas reais. Por exemplo, se a mãe é mais poderosa que o pai, dentro da família, isso pode criar problemas para o menino, que poderia então não ter medo suficiente do pai que o leve a uma identificação forte. E se não há a figura do pai — como nas famílias divorciadas — isso pode afetar tanto o menino quanto a menina. Eu explorei algumas das conseqüências da ausência paterna e divórcio no Quadro 10.2.

Quadro 10.2 Ser Criado Sem Pai

Quatro em cada dez crianças nascidas nos Estados Unidos nos anos 70 passarão pelo menos parte de sua infância numa família onde há apenas um dos membros do casal, mais freqüentemente a mãe (Keniston, 1977). Em 1977, havia quase 10 milhões de crianças vivendo sem o pai em casa.

Qual é o efeito da ausência do pai sobre a criança? Freud considerava que o impacto poderia ser substancial, até devastador. Ele considerava que o dano poderia ser particularmente maior se a perda do pai ocorresse no período edipiano (aproximadamente dos 3 aos 5 anos) e seria maior para os meninos. A menina ainda tem a mãe com quem se identificar; por isso, ao menos sua identificação de papel sexual seria adequada. Mas o menino, sem o pai, pode não passar pelo processo de identificação apropriado e pode acabar com uma orientação de papel sexual confusa e, talvez, com um superego fraco.

Também do ponto de vista das teorias de aprendizagem social o divórcio ou a ausência paterna podem ter um efeito. Se o comportamento do pai remanescente (geralmente a mãe) se alterar, o comportamento da criança também mudará. Mavis Hetherington e seus colegas (Hetherington, Cox & Cox, 1975, 1977, 1979) revelaram que as mães tornam-se menos afetuosas e mais inconsistentes em sua disciplina nos primeiros anos após o divórcio. Nós podemos esperar que as crianças fiquem também mais difíceis. Os teóricos da aprendizagem social também assinalam a falta do modelo de papel masculino para o menino; isso pode afetar o desenvolvimento dos comportamentos de papel sexual, particularmente se a perda do pai ocorre precocemente.

O resultado dos estudos realizados com crianças criadas sem o pai apóiam parte, mas não todas estas expectativas.

Primeiro, parece haver maiores efeitos sobre os meninos do que sobre as meninas (Hetherington, Cox & Cox, 1979; Hetherington & Deur, 1972), particularmente a curto prazo (Wallerstein & Kelly, 1980). Os meninos ficam mais desorganizados depois de um divórcio, e há algumas evidências de que seu comportamento é "feminilizado", fato que tanto a teoria da aprendizagem social quanto a freudiana esperavam. Segundo, os efeitos parecem ser piores se a separação do pai ocorre antes dos 5 anos de idade,

novamente o que Freud esperava (Hetherington & Deur, 1972).

Terceiro, o efeito maior a curto prazo parece ser um aumento de comportamentos negativos nas crianças (Hetherington, Cox & Cox, 1979). Elas tornam-se mais desafiantes e agressivas, que é o que esperaríamos, dadas as mudanças de afetividade e disciplina das mães. O maior efeito a longo prazo parece ser na área de papel sexual ou ajustamento heterossexual. Hetherington (1972) descobriu num estudo com meninas filhas de mães divorciadas e viúvas que as filhas de divorciadas mostravam uma sexualidade acentuada, quase promíscua; as filhas de viúvas eram extremamente inibidas com os homens.

Portanto, são muitos pontos negativos. As boas novas é que muitos desses efeitos ruins parecem diminuir depois de um ou dois anos. Hetherington descobriu que a desorganização das mães e o negativismo dos filhos diminuem. Além disso, outros pesquisadores (Nye, 1957; Landis, 1962) não constatarem qualquer indício de que os filhos de famílias divorciadas sejam mais propensos a delinqüência juvenil, a ter sérios problemas na escola ou menos amigos.

Um estudo recente e extremamente interessante realizado por Judith Wallerstein e Joan Kelly (1980) com 60 famílias divorciadas, forneceu-nos algumas pistas sobre o que afeta uma adaptação bem ou mal-sucedida ao divórcio. Em seu grupo, cerca de um terço das crianças estavam muito bem, cinco anos após o divórcio. Outro terço estava saindo-se razoavelmente bem e o terço final ainda estava sob depressão ou então ainda não resolvia eficientemente seus problemas. A diferença-chave entre esses grupos é se as crianças continuam mantendo um relacionamento bom e amoroso com *ambos* os pais. As crianças mais deprimidas tendiam a ser aquelas que não tinham mais visto o pai ou que o viam apenas esporadicamente. Mas, quando o pai continuava envolvido com os filhos, vendo-os regularmente e cuidando deles, as crianças tinham boas chances de ter sucesso na resolução da crise. Wallerstein e Kelly também descobriram que para o menino, em particular, a presença de um pai substituto, afetuosos, era de ajuda. Aparentemente, a presença de um modelo masculino afetuosos é um ingrediente importante para o crescimento sadio, particularmente (mas não exclusivamente) para os meninos.

O Estágio de Latência: 6-12 Anos Freud considerava que depois do estágio fálico havia um tipo de período de descanso antes da ocorrência de uma nova etapa de desenvolvimento sexual. A

Figura 10.5 Cerca de 10% das crianças cujos pais são divorciados vivem com o pai. A maioria são crianças maiores, e não bebês ou pré-escolares, mas o número está aumentando em todas as idades. Quais serão os efeitos dessa situação? Terá um impacto maior sobre as meninas? Nós ainda não sabemos responder a essas perguntas porque quase não há pesquisas sobre as crianças criadas pelo pai.



criança tinha, presumivelmente, atingido uma resolução preliminar da crise edipiana e depois havia um tipo de calma após a tempestade. A criança também começa a escolarização durante este período, e as novas atividades absorvem suas energias quase que totalmente.

Durante esses anos, a interação com outras crianças é quase exclusivamente com membros do mesmo sexo. A identificação com o pai do mesmo sexo, que se dá ao fim do estágio fálico, é seguida por um longo período durante o qual a identificação e interação estende-se aos outros indivíduos do mesmo sexo.

Na perspectiva de Freud, o único desenvolvimento significativo deste período é o surgimento de novos mecanismos de defesa.

O Estágio Genital: 12-18 e Depois As mudanças hormonais e nos órgãos genitais que ocorrem durante a puberdade despertam a energia sexual, e durante esse período surge uma forma mais madura de ligação sexual. Desde o início deste período, os objetos sexuais do indivíduo são pessoas do sexo oposto. Freud coloca certa ênfase no fato de que nem todos atravessam esse período até atingir um ponto de amor heterossexual maduro. Algumas pessoas que não foram bem-sucedidas na resolução da crise edipiana podem ter identificações confusas que afetam sua habilidade de enfrentar o reaparecimento das energias sexuais durante a adolescência. Outras não tiveram um estágio oral satisfatório e assim não têm os alicerces de um relacionamento amoroso; tudo isso interferirá na completa resolução dos conflitos da puberdade.

Pontos Fortes, Fracos e Implicações da Teoria Freudiana

A teoria de Freud tem diversos atrativos. Primeiro, é uma teoria *seqüencial*, e há agora evidências crescentes (como vimos nos capítulos anteriores) da existência de seqüências em muitas das habilidades que a criança desenvolve. Segundo, ela chama nossa atenção para a importância do relacionamento entre a criança e seus responsáveis, embora Freud não tenha sido muito preciso a respeito dos tipos de cuidados por parte dos pais que seriam adequados. A ênfase é sobre a interação entre as qualidades e preocupações da criança e as respostas de quem cuida dela, e parece-me uma ênfase apropriada.

Terceiro, a teoria de Freud oferece diversos conceitos úteis que não são encarados pelas perspectivas não psicanalíticas, como os mecanismos de defesa e o conceito de identificação. A identificação, em particular, tem sido um conceito que influenciou muito a teorização e foi amplamente adotado, de uma forma ou de outra. Por exemplo, o conceito de "imitação" de Bandura pode ser considerado como uma variação do conceito de identificação.

A despeito desses atrativos, no entanto, há alguns problemas com a teoria freudiana. Um dos principais pontos fracos é que Freud não nos proporciona muitos detalhes de como as experiências, num determinado estágio, levarão à saúde ou à desordem emocional. Vários pesquisadores tentaram extrair hipóteses específicas dos escritos de Freud, mas boa parte dessa teorização é bastante casual.

Um outro ponto fraco é que muito do que Freud disse sobre os primeiros estágios, particularmente sobre o estágio fálico, com seu conflito edipiano, não parece ser verdadeiro. Por exemplo, não há evidências de pesquisa que apoiem a expectativa de Freud de que as meninas terão uma identificação mais fraca com suas mães do que os meninos com seus pais. Devido a esses deslizes, a teoria de Freud é menos influente hoje em dia do que foi décadas atrás.

TEORIA DE ERIKSON

Erik Erikson pertence a uma tradição psicanalítica; mas ele concentra sua atenção sobre o ego – sobre o eu consciente – ao invés de nos impulsos e instintos inconscientes. Ele sempre esteve mais interessado nas demandas culturais e sociais sobre a criança do que sobre o instinto sexual. Assim sendo, os estágios de Erikson são estágios psicossociais, enquanto que os de Freud eram chamados de estágios psicosexuais. De modo geral, Erikson se interessou em como a criança (e depois o adulto) desenvolve seu senso de identidade. Como sempre, eu colocarei os conceitos teóricos sob a forma de uma série de proposições básicas.

Proposição 1 Durante o ciclo vital, cada indivíduo passa por uma série de períodos desenvolvimentais distintos (estágios) onde há uma tarefa desenvolvimental específica a enfrentar. A tarefa central de cada período é o desenvolvimento de uma "qualidade do ego" específica, como a confiança, autonomia ou intimidade.

Proposição 2 Os períodos desenvolvimentais são parcialmente definidos pela sociedade na qual a pessoa cresce. Um estágio pode começar com 6 anos em nossa cultura porque é com essa idade que a criança vai para a escola. Numa cultura na qual a escolarização começa mais tarde, o momento da mudança desenvolvimental muda também. Nessa perspectiva, Erikson obviamente difere de Freud que enfatizava a base maturacional da seqüência de mudança dos estágios.

Proposição 3 Qualquer tarefa desenvolvimental que não é completada com sucesso deixa um resíduo que interfere na tarefa posterior. Na verdade, Erikson considera que nenhuma tarefa é totalmente completada. Há sempre um pedacinho inacabado. Mas o número e o tamanho desses pedaços pode ser crítico para a saúde posterior. Um adolescente que não completa a tarefa de desenvolver sua identidade sexual e ocupacional, por exemplo, terá dificuldade em encarar uma relação de intimidade aos 20 ou 25 anos. Nesta proposição, Erikson é muito semelhante a Freud, que também considerava que o funcionamento adulto verdadeiramente "maduro" requeria a resolução bem-sucedida de todos os estágios anteriores.

Tendo em mente esse breve pano de fundo, deixe-me descrever-lhe os estágios propostos por Erikson, que eu resumi na Tabela 10.3.

Tabela 10.3 Os Oito Estágios de Desenvolvimento Propostos por Erik Erikson

Idade aproximada	Qualidade do ego a ser desenvolvida	Algumas tarefas e atividades do estágio
0-1	Confiança básica <i>versus</i> desconfiança básica	Confiar na mãe ou pessoa principal que cuida da criança e na própria habilidade de fazer as coisas acontecerem
2-3	Autonomia <i>versus</i> vergonha e dúvida	Andar, pegar e outras capacidades físicas levam à liberdade de escolha; ocorre o treino à toaleta; a criança aprende a controlar-se mas pode desenvolver a vergonha se não for tratada adequadamente
4-5	Iniciativa <i>versus</i> culpa	Organizar as atividades em torno de um objetivo; tornar-se assertiva e agressiva. O conflito edípico com o pai do mesmo sexo pode levar à culpa
6-12	Produtividade <i>versus</i> inferioridade	Absorver todas as capacidades culturais e normas básicas; inclusive as habilidades escolares e o uso de instrumentos
13-18	Identidade <i>versus</i> confusão de papéis	Adaptar o sentido do eu às mudanças físicas da puberdade, fazer uma escolha ocupacional, realizar uma identidade sexual madura e buscar novos valores
19-25	Intimidade <i>versus</i> isolamento	Formar uma ou mais relações íntimas que ultrapassam o amor adolescente, casamento e formação de um grupo familiar
26-40	Generatividade <i>versus</i> estagnação	Criar os filhos, centrar-se na realização ocupacional ou criatividade, e efetuar treinamento da próxima geração
41 +	Integridade do ego <i>versus</i> desesperança	Integrar os estágios anteriores e vir a termo com a própria identidade

Fonte: Erikson, 1963.

Os Estágios Psicossociais

Como você viu na tabela, há três estágios adultos e cinco estágios descrevendo as tarefas da infância. A teoria de Erikson é talvez uma das poucas teorias de desenvolvimento que abarcam todo o ciclo vital.

Confiança Básica *versus* Desconfiança Básica: Nascimento-1 Ano A primeira tarefa (ou "crise", como Erikson diz) ocorre durante o primeiro ano de vida (o estágio oral de Freud). O que está em jogo para a criança é o desenvolvimento de um sentido de confiança básica na previsibilidade do mundo e na sua habilidade de afetar os acontecimentos ao seu redor. Erikson acredita que o comportamento da pessoa que cuida primordialmente da criança (geralmente a mãe) é crítico para a resolução bem-sucedida desta crise pela criança. As crianças que emergem do primeiro ano com um firme sentido de confiança são aquelas cujos pais são amorosos e respondem previsível e

prontamente à criança. A criança que desenvolve um sentido de confiança irá para os outros relacionamentos humanos levando esse sentido consigo; mas aqueles bebês que viveram um relacionamento com alguém oscilante ou áspero, podem desenvolver a desconfiança; e eles também levarão consigo este sentido nas suas relações posteriores.

Autonomia *versus* Vergonha e Dúvida: 2-3 Anos Erikson considera que a maior mobilidade da criança é a principal mudança dessa época. Agora ela pode andar por si própria e isso forma a base do sentido de independência ou autonomia. Mas se os esforços de independência da criança não forem guiados cuidadosamente pelos pais e ela experimentar repetidos fracassos ou ridículo, o resultado de todas essas novas oportunidades de mobilidade e exploração pode ser a vergonha e a dúvida, ao invés de um sentido básico de autocontrole e valor próprio. Como o treino à toaleta ocorre durante esse período, ele pode criar dificuldades adicionais para os pais, pois há nesta área tabus e mais oportunidades para o surgimento do fracasso e ridículo.

Iniciativa *versus* Culpa: 4-5 Anos Esta fase corresponde ao estágio fálico de Freud e ocorre em torno dos 4 ou 5 anos. Uma vez mais, Erikson mostra-se menos preocupado com o tipo de desenvolvimento "sexual" que preocupava Freud (embora ele o admitisse) e mais interessado no impacto de novas habilidades e capacidades da criança. Nesta idade, a criança é capaz de realizar algum planejamento, tomar a iniciativa no atingimento de objetivos específicos. Tendo alcançado essas novas capacidades cognitivas, a criança então as explorará e tentará conquistar o mundo ao seu redor. Ela tentará andar sozinha pela rua; ela pode desmontar um brinquedo, descobrir depois que não consegue reconstruí-lo e devolvê-lo – em todas as suas partes – para sua mãe.

Esta é uma época de ações vigorosas e de comportamentos que os pais podem considerar agressivos. O risco aqui é que a criança pode ir excessivamente longe com sua força. Ela pode quebrar um brinquedo favorito ou machucar seu pai ou sua mãe. Quando isso acontece a criança pode ser invadida pela culpa.

O que os pais precisam fazer é ajudar a criança a voltar-se para coisas adequadas – dirigir toda sua energia e iniciativa para atividades aceitáveis, de modo que a culpa seja minimizada.

Produtividade *versus* Inferioridade: 6-12 Anos A escolarização é a maior força neste estágio. A criança enfrenta agora a necessidade de conseguir aprovação através da produtividade – através da aprendizagem da leitura, escrita, cálculos aritméticos e outras capacidades específicas. A tarefa desse período é, portanto, desenvolver o repertório de habilidades sociais. O perigo óbvio é que por alguma razão a criança possa ser incapaz de desenvolver as capacidades esperadas e desenvolva então um sentimento de inferioridade.

Identidade *versus* Confusão de Papéis: 13-18 Anos A puberdade – o estágio genital de Freud – é a tarefa que faz com que o adolescente reexamine sua identidade e os papéis que deverá ocupar. Erikson sugere que estão envolvidas duas "identidades" – a "identidade sexual" e a "identidade ocupacional". O que deve emergir desse período é um senso de integridade do eu, do que se deseja ser ou fazer e um papel sexual adequado. O risco é o da confusão, proveniente da profusão de papéis à frente do adolescente.

Intimidade *versus* Isolamento: 19-25 Anos Este é o primeiro dos três estágios adultos. O foco central desse período é a necessidade de intimidade – unir a própria identidade com a de outrem. Isso só é possível se você já definiu um firme sentido de identidade. Se sua identidade básica não for suficientemente forte para suportar a intimidade real, então pode surgir um sentimento de isolamento.

Figura 10.6 Este menino de 6 anos mostra uma nítida culpa – uma qualidade que Erikson considera ser a tarefa central nessa idade. O menino foi deixado sozinho com seu irmão e brincou um tanto violentamente com ele. Quando a mãe voltou, ele retirou as mãos rapidamente e virou-se para a mãe com essa expressão.



Generatividade versus Estagnação: 26-40 Anos Erikson considera que nesta idade, a maturidade e intimidade sexual com um parceiro não é suficiente. Cada adulto também sente uma necessidade de “gerar” em algum sentido – ter e criar crianças, criar algo útil num trabalho, treinar os outros, produzir trabalhos artísticos, ou qualquer outra coisa. Qualquer adulto que não seja bem-sucedido em algum dos aspectos da generatividade pode viver um sentimento de estagnação. E é exatamente o sentimento de estagnação – “o que eu fiz com minha vida?” – que está no núcleo da crise da meia-idade nos 40 anos.

Integridade do Ego versus Desesperança: 41 em Diante O último passo é reunir tudo, é aceitar o que você é, o que tem feito e o que pode fazer. Erikson considera que para alcançar uma identidade real do ego você deve ter sido razoavelmente bem-sucedido nas sete crises anteriores. Se você não foi – se deixou muitas coisas por resolver – você provavelmente experimentará o desespero, rancor e desesperança em seus últimos anos de vida.

Pontos Fortes, Fracos e Implicações da Teoria de Erikson

Erikson fez suas proposições básicas a respeito dos estágios de desenvolvimento há mais de 20 anos, mas eu considero que tenha tido um impacto retardado. Seus estágios nos propiciam um bom

Figura 10.7 Um dos principais atrativos da teoria de Erikson é ser uma teorização sobre todo o ciclo vital. Estes adultos mostram três facetas da generatividade, que Erikson considerou como a principal tarefa do adulto. O foco principal da generatividade é na educação da próxima geração, mas a dedicação ao trabalho e à criatividade também são caminhos pelos quais a generatividade se expressa.



arcabouço teórico, mas boa parte do que ele tem dito é bastante incompleto ou confuso. Ele não é claro sobre exatamente que tipo de experiências são importantes. O que leva à confiança ou à desconfiança, por exemplo?

Mas nos últimos anos, houve um tipo de redescoberta de Erikson. Eu percebo isso basicamente em duas áreas. Primeiro, os trabalhos sobre ligação afetiva na infância começaram a elucidar os conceitos de "confiança" e "desconfiança". As crianças que são "seguramente" ligadas afetivamente na infância parecem ter maior facilidade nos estágios de desenvolvimento posteriores (Waters, Wippman & Sroufe, 1979), o que é exatamente o que Erikson propôs.

Segundo, há agora um corpo de pesquisa extremamente interessante sobre o desenvolvimento da identidade durante a adolescência, estimulado em grande parte pelo desenvolvimento de uma medida de "status de identidade" criada por James Marcia (1966, 1976). A luta pela identidade não só é central para o adolescente mas essa luta parece ocorrer numa seqüência específica. Estas pesquisas foram especificamente planejadas para testar algumas das idéias gerais de Erikson e mostraram-se férteis. Eu acho que na próxima década nós veremos ainda mais trabalhos desse tipo baseados, ao menos em parte, na teoria de Erikson.

A razão desse novo interesse pela teoria de Erikson, em minha opinião, é que ele oferece uma das poucas teorias que liga o desenvolvimento cognitivo e da personalidade. Erikson sugere especificamente que as mudanças no pensamento da criança irão modificar suas interações sociais, bem como a personalidade. Como o campo total da psicologia do desenvolvimento parece estar buscando exatamente essa interligação, Erikson passou a ser visto como uma opção interessante.

Uma outra força da teoria de Erikson é a que diz respeito a todo o ciclo vital, e por isso pode ser usada como base para a exploração tanto dos estágios da infância quanto da vida adulta. Além disso, diferentemente de Freud, Erikson vê as crises da vida e as perturbações do comportamento e da personalidade que freqüentemente as acompanham como ocasiões de crescimento pessoal — uma perspectiva otimista que eu considero atraente.

O principal problema com a teoria é ainda sua imprecisão. As descrições dos estágios não são detalhadas e os motivos da transição de um estágio para o seguinte não foram explicados totalmente. O que os teóricos atuais estão fazendo é utilizar a perspectiva de Erikson como ponto de partida e fornecer seus próprios detalhes.

RESUMO DAS TEORIAS

Estou certa que você deduziu desta descrição das teorias que eu não estou totalmente satisfeita com qualquer delas. Não considero que qualquer delas realmente nos diga tudo o que queremos saber a respeito da personalidade ou desenvolvimento social. Felizmente, nós não precisamos escolher uma; podemos combiná-las. Eu não vejo razão que impeça as teorias de temperamento e a teoria etológica e as teorias da aprendizagem de serem todas verdadeiras. Além disso, tanto Erikson quanto Freud (ou Piaget, neste assunto) podem nos fornecer o arcabouço conceitual que poderia ser combinado com a teoria de Bandura.

Uma vez que exploraremos o processo de desenvolvimento social nos próximos capítulos, você deve guardar todas essas informações. Eu acho que você descobrirá que cada teoria nos ajuda a explicar adequadamente uma parte do desenvolvimento social.

RESUMO

1. A palavra *personalidade* refere-se àqueles padrões individuais de ação e reação ao mundo animado e inanimado que são relativamente persistentes.
2. Há três abordagens teóricas básicas da personalidade: teorias da aprendizagem, teorias biológicas e teorias psicanalíticas.
3. Os teóricos da aprendizagem social supõem que os padrões de comportamento social são aprendidos através de reforçamento e imitação. Como são aprendidos, podem ser específicos a situações particulares; não devemos necessariamente esperar uma consistência entre situações ou durante o curso do tempo.
4. As versões atuais da teoria de aprendizagem social, particularmente a de Bandura, introduziram alguns elementos cognitivos; Bandura argumenta que uma criança pode imitar apenas o que lhe prende a atenção e pode lembrar.
5. As teorias de temperamento sobre a personalidade e interação social ressaltam as características pré-programadas como atividade, gregarismo e impulsividade, que persistem durante toda a vida.
6. A teoria etológica enfatiza os padrões instintivos de interação do bebê. O bebê provoca cuidados chorando ou movimentando-se e prolonga o contato aninhando-se, sorrindo ou dando outras respostas. Também o adulto responde segundo padrões instintivos, que incluem sorrir e ninar o bebê.
7. A abordagem psicanalítica de Freud enfatiza uma seqüência de estágios psicossociais de base maturacional. Em cada estágio há uma zona erógena dominante. O estágio fálico que começa mais ou menos aos 3 anos é de particular importância porque é nele que ocorre a crise edipiana, resolvida parcialmente através de um processo de identificação.
8. A ênfase de Erikson é sobre estágios psicossociais, cada um dos quais é definido em parte pelas capacidades físicas e intelectuais da criança. Cada um desses estágios representa uma tarefa central ou "crise".
9. Nenhuma dessas teorias é totalmente satisfatória, mas são possíveis muitas combinações delas. Em particular, as abordagens biológica e da aprendizagem podem ser combinadas fertilmente.

TERMOS-CHAVE

Comportamento de Ligação Afetiva A coleção de possíveis comportamentos instintivos usada pelos bebês, crianças e adultos para criar e manter a proximidade às pessoas significativas. Inclui sorrir, chorar, olhar mútuo, entre outros.

Consciência Grosseiramente equivalente ao termo *superego*. A parte da personalidade que monitora o comportamento do indivíduo, julgando-o como aceitável ou inaceitável.

Crise Edipiana O padrão de eventos que Freud acreditava ocorrer entre os 3 e 5 anos, quando a criança identifica-se com o pai do mesmo sexo, devido ao medo de uma possível represália do pai do mesmo sexo e o desejo "sexual" pelo pai do sexo oposto.

Ego Aquela parte da personalidade que, segundo a teoria freudiana, organiza, planeja e mantém a pessoa em contato com a realidade. A linguagem e o pensamento são ambas funções do ego.

Estágios Psicossociais Os estágios do desenvolvimento da personalidade sugeridos por Freud e que incluem o oral, anal, fálico, latência e genital. A seqüência é amplamente influenciada pela maturação.

Estágios Psicossociais Os estágios do desenvolvimento da personalidade sugeridos por Erikson, que incluem a confiança, autonomia, iniciativa, produtividade, identidade, intimidade, generatividade e integridade do ego. São influenciados tanto pelas expectativas sociais quanto pela maturação.

Etologia Uma abordagem teórica que centra a atenção nos padrões de respostas instintivas nas espécies subumana e humana. É muito usada no estudo das ligações afetivas humanas.

Id A primeira e mais primitiva porção da personalidade segundo a teoria freudiana; o reservatório da energia básica, continuamente buscando a gratificação.

Identificação O processo de incorporação das qualidades e idéias de outra pessoa; Freud considerava que era o resultado da crise edípica dos 3-5 anos. A criança tenta tornar-se semelhante ao pai do mesmo sexo.

Imitação O termo usado por Bandura para descrever o processo de aprendizagem através da observação.

Instinto Os comportamentos instintivos são inatos, predeterminados e evocados pela presença de estímulos específicos. Eles têm papel fundamental na teoria etológica.

Libido O termo usado por Freud para descrever o todo de energia sexual de cada indivíduo.

Mecanismo de Defesa Na teoria freudiana são as estratégias que o ego utiliza para lidar com a ansie-

dade, incluindo negação, repressão, identificação e projeção.

Personalidade A coleção de padrões individuais relativamente estáveis de reação e interação com os outros e que distingue cada criança ou adulto.

Superego A "consciência", parte da personalidade proposta por Freud e que se desenvolve em função do processo de identificação. O superego contém os valores e atitudes parentais incorporados pela criança.

Terapia Comportamental Uma intervenção terapêutica baseada nos princípios de reforçamento.

Zona Erógena Porções do corpo que na teoria de Freud são consideradas como sendo seqüencialmente a sede do prazer como a boca, ânus e genitais.

LEITURAS SUGERIDAS

Bandura, A. *Social learning theory*. Englewood-Cliffs, N. J.: Prentice-Hall, 1977.

Não é fácil de se ler mas contém as principais colocações da atual teorização de Bandura.

Erikson, E. H. *Childhood and society*. New York: Norton, 1963.

Uma das principais colocações teóricas de Erikson. O Capítulo 7 é o que mais discute os estágios do desenvolvimento da personalidade.

Patterson, G. R. *Families*. Champaign, Ill.: Research Press, 1975.

Em geral, eu não me empolgo muito com a abordagem de modificação do comportamento, mas esse livro é excelente - claro, fácil de se entender e muito útil, particularmente se você está lutando com algum comportamento difícil de uma criança.